

**A AMBIGUIDADE GRAMATICAL
E A ESTRATÉGIA TRADUTIVA EM ASCLEPIUS 12A¹**

David Pessoa de Lira (UFPE)
lyrides@hotmail.com

RESUMO

O artigo examina a ambiguidade gramatical e interpretativa do *Asclepius* 12a, com foco nos adjetivos *indigna* e *foeda*. A incerteza reside na concordância desses termos, que podem qualificar tanto *migratio* (feminino singular) quanto *corpora* (neutro plural), resultando em leituras divergentes. O *Asclepius*, tradução latina do agora perdido *Logos Teleios*, caracteriza-se por uma abordagem tradutiva livre (*sensus de sensu*), em contraste com métodos literais (*verbum e verbo*). O estudo revisa como editores modernos, como Festugière e Scott, resolveram essa ambiguidade de maneiras opostas – associando os adjetivos ora a *migratio*, ora a *corpora*. A análise textual mostra que a duplicação (*indigna et foeda*) não resulta de erro de transmissão, mas de uma estratégia tradutiva deliberada. O artigo argumenta que essa duplicação reflete uma prática comum em traduções da Antiguidade e do Renascimento, especialmente na obra de Marsilio Ficino, que emulava o estilo do *Asclepius*. Nesse contexto, *indigna* e *foeda* são compreendidos como uma intensificação latina de grego *μοχθηρά*, que concorda com *σώματα* em *Corpus Hermeticum* 10.8 – dois adjetivos latinos de sentido semelhante reforçando a nuance pejorativa do termo original. Embora os manuscritos apresentem variantes menores – como *commigratio* no lugar de *migratio*, ou alterações na ordem de *sancto animo* –, nenhuma altera decisivamente o sentido do trecho nem resolve a ambiguidade. O artigo conclui que a duplicação adjetival deve ser entendida como uma glosa tradutiva incorporada ao texto, representando uma escolha interpretativa consciente, e não como uma corrupção paleográfica. A ambiguidade, portanto, é fruto da tradução, não da transmissão manuscrita.

Palavras-chave:

Asclepius. Paleografia. Tradução.

ABSTRACT

This article examines the grammatical and interpretive ambiguity of *Asclepius* 12a, focusing on the adjectives *indigna* and *foeda*. The uncertainty lies in the agreement of

¹ Esse artigo foi revisado e adaptado como referência ao Projeto de Estágio de Pós-Doutorado (04/2024-04/2025), cujo objetivo é retomar a tradução do texto do *Asclepius Latinus*, além do material já coletado no Projeto de Pesquisa Original, intitulado *O Asclepius Latinus ou o Logos Teleios: Uma Análise Filológico-Literária da Recensão Latina da Literatura Hermética* (protocolado sob o número 23076.019283/2015-70, com data de abertura em 06/05/2015). Esse projeto resultou no relatório *Os Aspectos do Bilinguismo Greco-Romano na Recensão Latina do Λόγος Τέλειος* (protocolado sob o número 23076.048535/2017-30, em 17/11/2017), o qual deu origem ao artigo: PESSOA DE LIRA, D. O bilinguismo greco-romano na tradução latina do *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ*: enfoques sociolinguísticos na análise do *Asclepius Latinus*. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 31, n. 1, p. 113-136, 2018.

these terms, which may qualify either *migratio* (feminine singular) or *corpora* (neuter plural), resulting in divergent readings. The *Asclepius*, a Latin translation of the now-lost *Logos Teleios*, is characterized by a free translational approach (*sensus de sensu*), in contrast to literal methods (*verbum e verbo*). The study reviews how modern editors such as Festugière and Scott have resolved the ambiguity in opposing ways – linking the adjectives either to *migratio* or to *corpora*. Textual analysis shows that the duplication (*indigna et foeda*) is not the result of transmission error but of a deliberate translational strategy. The article argues that this duplication reflects a common practice in ancient and Renaissance translations, especially in the work of Marsilio Ficino, who emulated the style of the *Asclepius*. In this context, *indigna* and *foeda* are understood as an intensified Latin rendering of the Greek *μοχθηρά*, which agrees with *σώματα* in *Corpus Hermeticum* 10.8 – two Latin adjectives with similar meanings reinforcing the pejorative nuance of the original term. Although the manuscripts present minor variants – such as *commigratio* instead of *migratio*, or changes in the order of *sancto animo* – none decisively alters the meaning of the passage or resolves the ambiguity. The article concludes that the adjectival duplication is best understood as a translational gloss incorporated into the text, representing a conscious interpretive choice rather than a paleographic corruption. The ambiguity, therefore, is the product of translation, not of manuscript transmission.

Keywords:

Asclepius. Paleography. Translation.

1. Introdução

– *Haec est enim merces pie sub deo, diligenter cum mundo uiuentibus. Secus enim impietate qui uixerint, et reditus denegatur in caelum et constituitur in corpora alia indigna animo sancto et foeda migratio* (TRISMÉGISTE, *Asclepius* 12a, 2011, t. 2. p. 311)

O *Asclepius* (*Ascl.*) é uma tradução latina do *Λόγος Τέλειος*. Em todo caso, há apenas fragmentos gregos de algumas partes, a saber, *Ascl.* 8, 19, 26, 27, 28, 29, 39, 41, que sobreviveram em obras de cristãos e não cristãos. Outras partes do *Λόγος Τέλειος* se encontram em língua copta: *Ascl.* 21-29 (NH VI.8) e 41 (NH VI.7). Lactância (séc. III-IV E.C.) conhecia o texto do *Ascl.* em grego sob o título de *Λόγος Τέλειος* ou *Sermo Perfectus* (*Div. Inst.* 2.15.7-8).²

² Lira (2015, p. 45, 49-50); Lira (2018a, p. 115-16); Lira; Viana (2021, p. 156-8); Lira (2022, p. 26-7); Rochette (2003, p. 68-70); Mahé (1974, p. 136); Dodd (2005, p. 11); Hermès Trismégiste (2011, t. 2, p. 275-6). Sobre o cotejamento e o grau de reconstrução, Van Den Broek (2006, p. 493-4); Fowden (1993, p. 10). Cf. Lira (2018a, p. 115-18). Sobre Lucius Cæ(c)iilius Firmianus Lactantius (Firmiano ou Lactância), sua obra e contexto, cf. Clarke (2007, v. 12. cap. 18, p. 589ss, 666-8); Corbier (2007, v. 12. cap. 12, p. 370ss).

Segundo Arthur Darby Nock, não se tem certeza se o autor (ou os autores) da tradução do *Asclepius* chegou a conhecer outros tratados herméticos como aqueles do *Corpus Hermeticum*, embora algumas indicações ou referências possam favorecer essa hipótese. No entanto, essa incerteza só existe devido ao nível de expressão latina, já que o *Ascl.* é fruto de paráfrases, de uma tradução livre, *sensus de sensu* e não *verbum e verbo* (*ad verbum*) (Rochette, 2003, p. 69-70).³

Em todo caso, a hipótese de que “o autor da tradução do *Asclepius* chegou a conhecer os tratados do *Corpus Hermeticum*” pode ser favorecida principalmente quando se passa da expressão ao conteúdo de sentido que os autores visaram transmitir. Assim, as semelhanças e referências tendem a ser em números maiores do que se imagina. Em última análise, não se sabe se o *Λόγος Τέλειος* fez alguma referência ao *Corpus Hermeticum* em partes as quais não se tem fragmentos gregos (Hermès Trismégiste, 2011, t. 2, p. 285-6).

O *Ascl.* 12a, no trecho *secus – migratio*, tematiza sobre a recompensa do justo e a transmigração das almas em outros corpos. Não há dúvida de que sua referência é o *Corp. Herm.* 10.7-8.⁴ Como já se mencionou, há um problema de ambiguidade (problema de congruência ou coerência) incidente no *Ascl.* 12a, mais especificamente sobre a concordância dos adjetivos *indigna* e *foeda* – que podem concordar tanto com o substantivo neutro plural *corpora* quanto com o substantivo feminino singular *migratio*. Não fica claro no texto se os adjetivos concordam com *corpora* ou com *migratio*, ou se cada adjetivo concorda com algum substantivo respectivo.

Copenhaver, referente ao *Ascl.* 12a, no trecho *secus – migratio*, chama a atenção ao fato de que Festugière, ao traduzir, conecta *indigna* com *migratio* como um feminino nominativo singular, enquanto que Walter Scott liga *indigna* a *corpora alia* como neutro acusativo plu-

Loi (2002, p. 805-6); Cardoso (2011, p. 182-3). Sobre o *Sermo Perfectus* em Lactância, cf. *Divinae Institutiones* 2. 15.7-8; Lactantius (2005, Fasc. 1.p. 189).

³ Sobre as técnicas de tradução na Antiguidade, cf. Brock (1979, p. 69-87).

⁴ Apulei Platonici Madaurensis (1921, v. 3. p. XI-XII, 48); Hermès Trismégiste (2011, t. 1, p. 117-27); Hermès Trismégiste (2011, t. 2, p. 286); Hermetica (1985, v. 2, p. 244-5. Cf. a *adnotatio* das linhas 271-3, em *Hermes Latinvs* (2019, t. 3, pt. 2, p. 187); Renau Nebot (1999, p. 426).

ral.⁵ Na verdade, Festugière relaciona os dois adjetivos em questão com *migratio*. Scott, por sua vez, usa *indigna* com *migratio* e *foeda* com *corpora*. Daí as traduções seguem essas escolhas.

De fato, *migratio in* é uma tradução de *μεταβολή εἰς* (*Corp. Herm.* 10.7). Não existe, na Literatura Hermética, *μεταβολή* (transmigração) acompanhada de adjetivos valorativos.⁶ Neste caso, os adjetivos *indigna* e *foeda*, seja como for, no contexto hermético dificilmente (ou nunca) estariam relacionados ao substantivo *migratio*. Pelo contrário, argumentos axiológicos contra os corpos dos vivos irracionais, contra os hábitos dos irracionais, contra humanos com atitudes irracionais ou bestiais, são comuns em toda Literatura Hermética (Cf. *Corp. Herm.* 2.17; 4.5; 12.4).

O artigo investiga a ambiguidade presente no trecho *Asclepius* 12a – particularmente os adjetivos *indigna* e *foeda* – e discute se essa questão é de natureza paleográfica (transmissão manuscrita) ou tradutológica (estratégia de tradução). O artigo revisa como editores como Festugière e Scott resolveram essa ambiguidade de formas distintas, relacionando os adjetivos ora a *migratio*, ora a *corpora*. A análise textual revela que essa duplicação de adjetivos provavelmente deriva de uma prática tradutiva comum na Antiguidade e no Renascimento, em especial por Marsilio Ficino, influenciado pelo estilo do *Asclepius*. A duplicação (*indigna et foeda*) representa, segundo o autor, uma estratégia de tradução intensificadora, para enfatizar o valor pejorativo do termo grego *μοχθηρά* (*Corp. Herm.* 10.8), traduzido aqui como dois adjetivos latinos sinônimos. Em conclusão, o artigo argumenta que a ambiguidade de *Ascl.* 12a decorre primariamente de uma estratégia tradutiva. A duplicação dos adjetivos reflete uma prática consciente de intensificação semântica, típica da tradução hermética latina.

2. A crítica textual do *Asclepius* 12a

A edição crítica do *Corpus Hermeticum* e do *Asclepius* de Nock e Festugière (que é abreviado N.-F.) tem prestado conta de variações de leitura, omissões, corrupções, repetições *haplografia*, *homoiteleuton* etc.

⁵ Hermès Trismégiste (2011, t. 2, p. 311, 369, n. 111); *Hermetica* (1985, v. 1, p. 308-9); *Hermetica*, 2000, p. 226. (inclusive, Brian Copenhaver errou a sequência das palavras aqui: colocando *alia corpora* por *corpora alia*).

⁶ Cf. as ocorrências de *migratio*, *μεταβολή* (transmigração), *μεταβάλλω* em Delatte; Govaerts; Denooz (1977, p. 116-17, 308).

no aparato crítico. O texto grego do *Corpus Hermeticum* e o texto latino do *Asclepius* de N.-F. constituem a edição crítica padrão, ganhando, assim, notoriedade e credibilidade por ser cuidadosamente conservado de acordo com os manuscritos e sem apresentar conjecturas desnecessárias, e por ser de grande relevância no campo histórico-filológico.⁷

Realizar uma crítica textual⁸ total dos tratados do *Corpus Hermeticum* e do *Asclepius* pode se converter em repetição, uma vez que o texto de N.-F. já é resultado de um denso trabalho de crítica textual internacionalmente reconhecido por causa do seu teor científico. Segundo William Grese, a intenção não é fazer uma nova crítica textual do *Corpus Hermeticum*, mas reunir as informações apresentadas no texto preparado por Arthur Darby Nock e decodificar seus dados de leitura no aparato. Isso também vale para o *Asclepius*. Contudo, as conclusões e as leituras propostas por Nock não podem ser consideradas como incontestáveis. Elas também estão sujeitas a ponderações e avaliações.⁹

Nos aparatos críticos das edições de Thomas, N.-F. e Scott, em relação ao início de *Ascl. 12a*, não há nenhuma informação sobre variantes ou *lectiones* divergentes. Outros manuscritos, além dos mais indicados como *codices meliores notae* e *codices deteriores*, não são informados nessas edições (Apulei Platonici Madaurensis, 1921, v. 3, p. XI-XII, 48; *Hermetica*, 1985, v. 1, p. 49-50, 308. Hermès Trismégiste, 2011, t. 2, p. 260-264, 311). Na edição de Stefani, o aparato crítico indica que, na linha 272, em vez de *animo sancto*, os manuscritos **RZz** e a edição **pr** apresentam a *lectio sancto animo*. O manuscrito **G** tem uma variante *animo suo*. Na linha 275, há uma indicação de que **RZzpr**, em vez de *migratio*, apresenta a variante *commigratio* (Hermes Latinvs, 2019, t. 3, pt. 2, p. 115, 173-174, 187).¹⁰

⁷ Lira (2015, p. 109-10); Schiavone (2006, p. 5, 30-1); Van Den Broek (2006, p. 488); Dodd (2005, nota 3, p. 11-12); Soulen (1981, p. 86); Grant (2005, v. 10, p. 6643).

⁸ Sobre crítica textual, cf. West (1973). Rossetti (2006).

⁹ Grese está se referindo a não fazer uma nova crítica textual do *Corp. Herm.* 13, o qual constitui objeto de sua pesquisa. No entanto, ele mesmo faz alterações ao texto de N.-F., basendo-se nas variantes e *emendationes* que foram citadas por Nock no aparato. GRESE, 1979, p. 1. Lira (2015, p. 110, n. 305).

¹⁰ Os manuscritos **R** *Vaticanus Reginensis* Lat. 1572 (saec. XIII¹), **Z** *Venetus Marcianus* Lat. VI.81 (3036) (saec. XIV²), **z** *Venetus Marcianus* Lat. Z.467 (coll. 1557) (saec. XV^m) são do subgrupo φ da classe δ. O manuscrito **G** *Guelferbytanus Gudianus* lat. 4^o 168 (saec. XII^m) pertence à família γ contaminada. A edição **pr** – APVL, Opera – ed. De Bussi (ed. princeps Romana) é de 1469. Os melhores manuscritos são da classe α, a sa-

Segundo a evidência externa, em comparação com *omnium condicum consensus*, pela *lectio plurium codicum potior*, pela *lectio antiquior*, pela *lectio melioris codicis potior*, essas variantes não afetam a leitura adotada nas edições críticas. Pela evidência interna, segundo a *lectio brevior potior* e a *lectio difficilior potior*, a variante *commigratio* de **RZzpr** é claramente um melhoramento e ampliação de *migratio*.¹¹ A leitura *santo animo* de **RZzpr** diz respeito a uma ordem invertida das palavras (*verborum ordo invertitur*) para dar mais clareza ao texto. Quanto ao *animo suo* de **G**, trata-se de um erro de transcrição de *animo s̄o*. No período medieval *s̄o* era a abreviatura de *santo* (Lindsay, 2013, p. 409). Assim, o copista deve ter confundido *s̄o* com o pronome *suo*.¹² Em todo caso, não está descartada a possibilidade de o copista tentar retirar ou afastar o caráter de santidade da alma racional que uma vez se submeteu a uma (trans)migração em outro corpo indigno.

Sobre o problema da ambiguidade (problema de congruência ou coerência) incidente no *Ascl.* 12a, mais especificamente sobre concordância dos adjetivos *indigna* e *foeda* – que podem concordar tanto com o *subst. neutr. plur. corpora* quanto com o *subst. fem. sing. migratio* não é apontado nos aparatos críticos de nenhuma edição. Segundo as regras filológicas das edições de *Les Belles Lettres*, não há nada indicado na edição crítica de Nock e Festugière que isso seja uma interpolação.

Uma pista seria aceitar que essas palavras podem seguir o fenômeno da duplicação sinonímica, tal como os adjetivos *indigna* e *foeda*. Em linhas gerais, as duplicações são *glosas* que foram inseridas diretamente no corpo do texto e que, dependendo de sua extensão, acabam por se transformar em interpolações. Tais inserções podem ocorrer de forma consciente ou mecânica, comprometendo a integridade do texto original.¹³ No entanto, não há nenhuma indicação de que os adjetivos *indigna*

ber: **B** Bruxellensis 10054-56 (saec. IXⁱⁿ), **V** Vaticanus Lat. 3385 (saec. X/XI), **M** Monacensis Clm. 621 (saec. XIIⁱⁿ).

¹¹ Sobre as evidências externas e internas e os critérios, cf. Silva (2011). Lira (2015, p. 109-37); Lira (2022b, p. 1-14). Lira (2022a, p. 194-212). Lira (2023, p. 35-53).

¹² Sobre confusão semelhante, cf. West, 1973, p. 25, 136, 141.

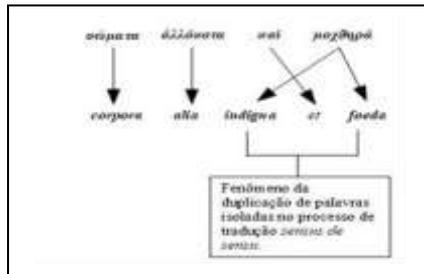
¹³ Cf. a introdução de Maurizio Campanelli em FICINUS NOVUS, 2011, p. CCXXIV. Cf. glosa e interpolação em Rossetti, 2006, p. 369, 374-375.

e *foeda* constituam um problema paleográfico (manuscriturístico) propriamente dito.¹⁴

Os chamados lapsos voluntários geralmente derivam de erros de interpretação. Durante a transcrição ou compilação de um texto, o copista podia julgar, de maneira arbitrária, que o autor original ou um copista anterior teria cometido um erro em uma ou em várias passagens. A partir disso, ele procedia deliberadamente a uma “correção”. Essas correções intencionais buscavam, na maioria das vezes, tornar o texto mais inteligível ou harmonioso – uma tendência conhecida como *lectio facillior* – por meio de interpolações textuais ou de notas marginais. A justificativa para esses lapsos voluntários muitas vezes residia no conhecimento prévio que o copista possuía sobre o conteúdo que estava transcrevendo, bem como na autoridade que atribuía a si mesmo para emendar o texto.¹⁵

3. A tradutologia do *Asclepius* 12a

Quanto ao *Ascl.* 12a, no trecho *secus – migratio*, parte da expressão latina *in corpora alia indigna animo sancto et foeda migratio* advém da tradução de *σώμασιν ἄλλοκότοις καὶ μοχθηροῖς* (*Corp. Herm.* 10.8). No entanto, percebe-se que o adjetivo grego *μοχθηρά* tem uma duplicação na tradução, a saber: *indigna... et foeda*.¹⁶



¹⁴ Sobre paleografia, edição paleográfica, cf. ROSSETTI, 2006, p. 114-120, 385.

¹⁵ Sobre erros de interpretação, escólio, glosas e interpolação, cf. Rossetti (2006, p. 104, 363, 364, 369, 374). Cf. Braccini (2017, p. 67, 76-8); Irigoien (1972, p. 8-9, 11, 19, 21, 48).

¹⁶ Apulei Platonici Madaurensis (1921, v. 3. p. XI-XII, 48); Hermès Trismégiste (2011, t. 1, p. 117-27); Hermès Trismégiste (2011, t. 2, p. 286); Hermetica (1985, v. 2, p. 244-5). Cf. a *adnotatio* das linhas 271/273 em Hermes Latinvs (2019, t. 3, pt. 2, p. 187); Renau Nebot (1999, p. 443). Hermetica (2000, p. 163, 226).

Maurizio Campanelli, ao tratar do procedimento de tradução de Marsilio Ficino (1433–1499), lança algumas explicações sobre a razão e natureza das duplicações. O procedimento de duplicação e ampliação de palavras e frases ocorre na tradução latina do *Corp. Herm.* do neoplatonista renascentista Marsilio Ficino. Ficino teve contato e foi bastante influenciado pelo texto latino do *Asclepius* mesmo antes de traduzir o *Corp. Herm.*, de maneira que utilizou dos recursos de tradução daquele para proceder à tradução do grego para o latim deste. Desta forma, ele se inspirou no *Ascl.* como modelo mais imediato de tradução de tal maneira que facilitou na versão latina do *Corp. Herm.* Vale considerar que o manuscrito *Riccardianus* 709 preserva a última parte da compilação do *Ascl.* realizada por Ficino em 1456 (Lira, 2023, p. 69-70).¹⁷ Assim, não é de admirar que Ficino tenha imitado o *Ascl.* utilizando duplicação de palavras isoladas ou frases inteiras como um artifício recorrente em sua tradução latina do *Corp. Herm.* Esse uso destaca o esforço de Ficino em intensificar ou esclarecer conceitos no processo de tradução.¹⁸

Fenômeno da duplicação de palavras isoladas no processo de tradução *sensus de sensu* são empregados para: a) indicar as diferentes nuances semânticas da palavra grega; b) para caracterizar a tradução em um sentido determinado; c) sublinhar o significado que se pretendia privilegiar.¹⁹

Os adjetivos *indignus* e *foedus* são sinônimos.²⁰ Uma observação atenta aos fragmentos gregos do *Λόγος Τέλειος* em comparação com o *Asclepius* latino logo indicará que o fenômeno da duplicação parece ser algo incidente nessa tradução. Alguns exemplos: *intuens in mores factaque uoluntaria* é a tradução de *ἐπιβλέψας τοῖς γενομένοις* (*Ascl.* 26; Lactant., *Div. Inst.* 7. 18. 4-5).²¹ A fraseologia de *immortali uero aut de mortali modo disserendum est* traduz *περὶ δὲ τοῦ θανάτου νῦν λεπτέον* (*Ascl.*

¹⁷ Cf. a introdução de Maurizio Campanelli em Ficinus Novus (2011, p. CCXLVII). Rochette (2003, p. 72);

¹⁸ Cf. a introdução de Maurizio Campanelli em Ficinus Novus (2011, p. CCXXIII-CCXXV).

¹⁹ Cf. a introdução de Maurizio Campanelli em Ficinus Novus (2011, p. CCXXIV).

²⁰ Glare (2015, v. 1, p. 789, 972); Lewis; Short; Freund (1958, p. 765, 935); Dicionário (2010, p. 360).

²¹ Lactantius (2011, Fasc. 4, p. 706-7). Hermès Trismégiste (2011, t. 2, p. 330-1); Hermetica (1985, v. 1, p. 344-6).

27; *Stob. Herm.* 14. 52. 47 - Ἐρμού ἐκ τῶν πρὸς Ἀσκληπιόν).²² A palavra εὐσέβεια em φυλακῆ εὐσέβεια é traduzida por *in dei religione et in summa pietate* em *in dei religione et in summa pietate praesidium est* (*Ascl.* 29; *Lactant., Div. Inst.* 2. 15.6).²³

É bem verdade que não se pode afirmar que existe insuficiência da competência por parte do tradutor nem que uma estratégia ou técnica seja melhor do que outra (Langslow, 2012, p. 115). A tradução é um tipo de texto bilíngue ou um texto cujo *background* é bilíngue. No entanto, não se pode pressupor que seu escritor tenha *competência* ou contato de duas línguas. Deve-se considerar, assim, que a interferência na tradução pode ser deliberada, adotando estratégia para evocar o texto original subjacente à tradução (Adams; Janse; Swain, 2002, p. 3). É o caso de tentar sublinhar as diferentes nuances semânticas da palavra grega.²⁴

Isso advém do fato de que a competência bilíngue pode somente ser analisada seriamente por meio dos exemplos de *performance* positiva de uma segunda língua. Por *performance*, deve-se entender os exercícios preparados e arregimentados pelo usuário de uma língua, inclusive de um bilíngue, em quatro tipos, a saber: 1) audição; 2) leitura; 3) fala; e 4) escrita. O ato da fala e da escrita constitui uma *performance* ativa enquanto o ato da audição e leitura, uma *performance* passiva (Adams, 2004, p. 5).

No que se refere aos quatro tipos de exercícios performativos da Antiguidade, não se pode ter todos eles de igual modo. O que é de interesse aqui é o tipo performativo da leitura e escrita. A leitura pode pressupor como o tradutor, na Antiguidade, procedeu ao traduzir os elementos de uma segunda língua e quais os lapsos cometidos nesse procedimento. O ato performativo da escrita é o mais positivo e ativo no que diz respeito ao bilinguismo para o nosso interesse (Adams, 2004, p. 6).²⁵

4. Conclusão

Pode-se concluir que os adjetivos *indigna* e *foeda* estão concordando com o *subst. neutr. plur. corpora* assim como o adjetivo *μοχθηροῖς*

²² Hermès Trismégiste (2011, t. 2, p. 333); *Hermetica* (1985, v. 1, p. 364).

²³ *Lactantius* (2005, Fasc. 1, p. 189); Hermès Trismégiste (2011, t. 2, p. 336); *Hermetica* (1985, v. 1, p. 370).

²⁴ Cf. a introdução de Maurizio Campanelli em *FICINUS NOVUS*, 2011, p. CCXXIV.

²⁵ LIRA, 2018, p. 120.

concorda com *σόμασιν*. O estudo da coerência do texto revela que essa duplicidade *indigna* e *foeda* tenha surgido como *glosa interlinear* ou *marginal* e que tenha sido incorporado ao próprio texto. Em última análise, a duplicação ou ampliação do sentido do adjetivo grego *μοχθηρά* pode ser explicada como um processo de estratégia da tradução *sensus de sensu*.

A ambiguidade sintática presente no *Asclepius* 12a, especialmente no uso dos adjetivos *indigna* e *foeda*, não deve ser atribuída a falhas de transmissão paleográfica, mas compreendida no âmbito da prática tradutiva da Antiguidade Tardia. A ausência de variantes significativas nos manuscritos e nos aparatos críticos das edições principais – como as de Nock-Festugière, Scott e Stefani – reforça a hipótese de que se trata de uma duplicação deliberada inserida no momento da tradução, e não de uma interpolação posterior ou de erro de copista. Tal duplicação, como observado também na obra de Marsilio Ficino, revela um procedimento consciente de intensificação semântica, típico da tradução *sensus de sensu*, que visa captar e transmitir, com maior ênfase, as nuances valorativas do original grego.

Ao traduzir *μοχθηρά*, termo grego de forte conotação pejorativa, por dois adjetivos latinos de sentido semelhante, o tradutor do *Asclepius* parece ter optado por reforçar a carga negativa do conceito hermético da reencarnação em corpos inferiores – não apenas do ponto de vista ético, mas também cosmológico. Essa duplicação, portanto, longe de representar um problema de coerência textual ou sintática, constitui-se como uma escolha interpretativa que respeita e atualiza o conteúdo filosófico do texto de origem.

A análise tradutológica e comparativa com outras ocorrências do fenômeno confirma que *indigna* e *foeda* devem ser lidos como uma glosa tradutiva intensificadora, não como um sinal de incoerência gramatical nem de corrupção manuscrita. Assim, o problema não reside na transmissão do texto, mas nas possibilidades interpretativas abertas pela sua tradução. Assim, a tradução do *Asclepius* 12a seria:

– Pois esta é a mercê para os que vivem piedosamente sob Deus e diligentemente com o mundo: diferentemente, pois, aqueles que tiverem vivido impiedosamente, é negado o retorno ao céu, e a transmigração de uma santa alma [racional] é constituída em outros corpos indignos e vergonhosos. (*Asclepius* 12^a) (tradução própria)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, J. N. *Bilingualism and the Latin Language*. Cambridge; Cambridge University Press, 2004. 836p.

_____; JANSE, Mark; SWAIN, Simon (Ed.). *Bilingualism in Ancient Society*. Oxford: Oxford University Press, 2002. 483p.

APULEI PLATONICI MADAURENSIS. *De Philosophia Libri*. Recensuit, edidit Paulus Thomas. Leipzig B. G. Teubner, 1921. v.3. 199p.

BRACCINI, Tommaso. *La scienza dei testi antichi: Introduzione alla filologia clássica*. Milano: Le Monnier Università, Mondadori Education, 2017. 184p.

CARDOSO, Zelia de Almeida. *A Literatura Latina*. 3. ed. rev. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CLARKE, Graeme. *Third-century Christianity*. In: BOWMAN, A.; CAMERON, A.; GARNSEY, P. (Ed.). *The Cambridge Ancient History: The Crisis of Empire, AD 193-337*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2007. v. 12. cap. 18. p. 589-671

CORBIER, Mireille. *Coinage and Taxation: The State's Point of View, A.D. 193-337*. In: BOWMAN, A.; CAMERON, A.; GARNSEY, P. (Ed.). *The Cambridge Ancient History: The Crisis of Empire, AD 193-337*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2007. v. 12. cap. 12. p. 393-439

DELATTE, L.; GOVAERTS, S.; DENOZ, J. *Index du Corpus Hermeticum*. Roma: Edizioni dell'Ateneo e Bizzari, 1977. 359p. (Lessico Intellettuale Europeo, 13).

DICIONÁRIO de Latim-Português, Português-Latim. Porto: Porto, 2010. 539p., 617p. (Dicionários Acadêmicos).

DODD, Charles Harold. *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Reprinted Paperback Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 478p.

FICINUS NOVUS. *Pimander: Sive de Potestate et Sapientia Dei*. A cura di Maurizio Campanelli. Torino: Aragano, 2012. CCLV, 136p.

FOWDEN, Garth. *The Egyptian Hermes: A Historical Approach to Late Pagan Mind*. Princeton: Princeton University Press, 1993. 244p.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

GLARE P. G. W. (Ed.). *Oxford Latin Dictionary*. 2. ed. reprinted with corrections. Oxford: At the Clarendon Press, 2015. 2v. 2344p.

GRANT, Robert M. Nock, Arthur Darby. In: JONES, Lindsay (ed.). *Encyclopedia of Religion*. 2. ed. Detroit: Macmillan Reference, 2005. v. 10, p. 6643-6644

GRESE, William C. *Corpus Hermeticum XIII and Early Christian Literature*. Leiden: Brill Archive, 1979. 228p.

HERMES LATINVS. *Ps.-Apulei Asclepius*. Edidit Matteo Stefani. In: *Opera Omnia*. Series fundata a Paolo Lucentini; nunc edita a David Porreca; Bruno Rochette; Antonella Sannino. Turnhout, Belgium: Brepols Publishers, 2019. t. 3, pt. 2.

HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A.D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2011. 2t. 404p. (paginação contínua entre os dois tomos). (Collection des Universités de France)

HERMETICA: the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus. Volume II: Notes on the Corpus Hermeticum by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. v. 2. 482p.

HERMETICA: the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus. Introductions, texts and translation edited and translation by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. v. 1. 549p.

HERMETICA: the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus. Volume II: Notes on the Corpus Hermeticum by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. v. 2. 482p.

HERMETICA: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction - Brian P. Copenhaver. New York: Cambridge University Press, 2000. 404p.

LACTANTIUS, L. Caelius Firmianus. *Divinarum institutionum libri septem*. Libri I et II. Ediderunt Eberhard Heck et Antonie Wlosok. Berlin; Boston: De Gruyter, 2005. Fasc. 1.200p.

LANGSLOW, David. Typologies of translation techniques in Greek and Latin Latin elticis: catelticis = Greek ἐλκτικὴ ἰατρικὴ. In: MULLEN,

Alex; JAMES, Patrick (Ed.). *Multilingualism in the Graeco-Roman Worlds*. Cambridge; Cambridge University Press, 2012. p. 141-71

LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles; FREUND, William. *Latin Dictionary*. Founded on Andrew's Edition of Freund's Latin Dictionary. Revised, enlarged, and in great part rewritten by Charlton T. Lewis and Charles Short. Oxford: At the Clarendon, 1958. 2019p.

LINDSAY, W. M. *Notae Latinae: An Account of Abbreviation in Latin Mss. of the Early Minuscule Period (C. 700-850)*. Cambridge University Press, 2013. 526p.

LIRA, D. P. Crítica Textual do Corpus Hermeticum 4.3-6a: Análise da Variante ἐδαπτίσαντο τοῦ νοός. *TRANSLATIO*. v. 23, p. 1 - 14, 2022b.

_____. O bilinguismo greco-romano na tradução latina do ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ: enfoques sociolinguísticos na análise do *Asclepius Latinus*. *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, 31(1), p. 113-36, Belo Horizonte, 2018.

_____. O bilinguismo greco-romano na tradução latina do ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ: enfoques sociolinguísticos na análise do *Asclepius Latinus*. *Classica – Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 31(1), p. 113-6, Belo Horizonte, 2018.

_____. Inclusão ou Omissão da Lectio κηρύξαι e suas Implicações Textuais no Corpus Hermeticum 4.3-6a. *Revista Philologus*. v. 28, p. 194/83-212, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2022a.

_____. Procedimentos filológicos e exemplo de Crítica Textual aplicados ao Corpus Hermeticum. In: SOUZA, A.J. de; CARDOSO, C.É. do N. (Org.). *Estudos clássicos e filológicos: línguas, literaturas e gramáticas antigas*, ed.1. Araraquara: Letraria, 2023. p. 35-53

_____; VIANA, L. M. Q. Os fragmentos herméticos gregos do ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ: tradução e análise comparativa com a versão latina do *Asclepius* 8, 19, 26, 27, 28, 29, 39. *Translatio*, 21 (2021), p. 154-69.

_____. *O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento: Uma Introdução ao Hermetismo e ao Corpus Hermeticum*. Recife: UFPE, 2015. 360p.

LOI, V. Lactância. In: DI BERARDINO, A. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Trad. de Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 805-6

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MAHÉ Jean-Pierre. Remarques d'un latiniste sur l'Asclepius copte de Nag Hammadi. *Revue des Sciences Religieuses*, tome 48, fascicule 2 (1974). p. 136-55

RENAU NEBOT, Xavier (Ed.). *Textos Herméticos*. Introducción, Traducción y Notas de Xavier Renau Nebot. Madrid Gredos, 1999. 574p.

ROCHETTE, Bruno. Un cas peu connu de traduction du grec en latin: l'« Asclepius » du Corpus Hermeticum. *Cahiers du Centre Gustave Glotz*, 14, p. 67-96, 2003.

SCHIAVONE, Valeria. Natura e Origini del *Corpus Hermeticum*. In: ERMETO TRISMEGISTO. *Corpus Hermeticum*: testo greco e latino a fronte. Introduzione, traduzione e note (a cura) di Valeria Schiavone. 3. ed. Itália: BUR (Biblioteca Universale Rizzoli), 2006. p. 5-52

SILVA, José Pereira da. O Método em Filologia. *Revista Philologus*, ano 17, n. 50, p. 91-112, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set.-dez. 2011.

SOULEN, Richard N. *Handbook of Biblical criticism*. 2nd ed. Atlanta: John Knox Press, 1981. 239p.

VAN DEN BROEK, Roelof. Hermetic Literature I: Antiquity. In: HANEGRAAFF, Wouter J. (Ed.). *Dictionary Of Gnosis and Western Esotericism*. Leiden; Boston: Brill, 2006. p. 487-98

WEST, Martin L. *Textual Criticism and Editorial Technique*: applicable to Greek and Latin texts. Stuttgart: B. G. Teubner, 1973. 155p.

IRIGOIN, Jean. *Règles et recommandations pour les éditions critiques*. Paris : Les Belles Lettres, 1972. 73p. (Série grecque).